

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o Doclisboa: A Viagem Permanente – O Cinema Inquieto da

Geórgia – O Cáucaso e a Revolução 1

22 de Outubro de 2020

BUBA / 1930

“Buba”

um filme de Nutsa Gogoberidze

Realização e Argumento: Nutsa Gogoberidze / **Fotografia:** Serguei Zabozlaiev / **Direcção Artística:** Davit Kakabadze.

Produção: Sakhkinmretsvi (Goskinprom Gruzi) (Geórgia, URSS) / Cópia: do Centro Nacional do Cinema Georgiano, em DCP (cópia restaurada, original em 35 mm), preto e branco, versão posteriormente musicada, intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / **Duração:** 36 minutos / Primeira apresentação pública: 20 de Julho de 1930, União Soviética / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Buba é apresentado com **Marili Svanets**, de Mikhail Kalatozov (“folha” distribuída em separado). Sessão apresentada por Marcelo Felix.

Se **Marili Svanets/O Sal da Svanécia**, o filme com que **Buba** é hoje mostrado, é há muito um dos grandes clássicos do cinema georgiano, **Buba** não teve a mesma sorte, permanecendo até há poucos anos como um dos filmes esquecidos da História do cinema soviético. A sua autora é Nutsa Gogoberidze (1902-1966), realizadora de origem georgiana extremamente prometedora nos anos vinte e trinta, que foi considerada a primeira cineasta mulher no universo do cinema soviético, mas sobre a qual desde o início se impôs uma fortíssima repressão.

Realizado em 1930, o mesmo ano que **Marili Svanets**, **Buba** partilha com ele a proximidade da realidade documentada ao revelar-se o retrato de uma zona montanhosa e isolada, que mantinha ainda intactas grande parte das suas tradições ancestrais e que o regime soviético se propunha modernizar, bem como um apurado sentido de ritmo e esplendor poético e visual. Como **Marili Svanets**, **Buba** é também o resultado da colaboração entre Nutsa Gogoberidze com um dos mais conhecidos pintores e artistas da vanguarda georgiana, David Kakabadze, que assina em ambos os filmes a direcção artística, sendo importante assinalar a proximidade de Gogoberidze com Mikhail Kalatozov, com o qual a cineasta partilhou a autoria do seu primeiro filme, que realizou três anos antes, o documentário **Mati** (1927).

Concebido como propaganda ao novo regime que se impunha, como poderemos testemunhar em alguns momentos do filme em que se faz uma apologia do turismo e da modernização, **Buba** ultrapassa em muito essa dimensão no modo como retrata os modos de vida na remota região montanhosa de Ratcha, na Geórgia Ocidental e a sua

aldeia com o nome de Buba, em que a dureza imposta pelo quotidiano e pela natureza inóspita do território coexiste com a beleza da concordância entre ritmos naturais e humanos, que se acordam de uma forma impressionante.

O retrato da pobreza da região e do carácter primitivo das tradições e costumes dos seus habitantes, que tantas críticas terá certamente provocado ao filme por parte das autoridades soviéticas, poderá ser aproximado a **Las Hurdes** (1932), de Luis Buñuel, filme com que este ou **Marili Svanets** já foi comparado, mas o modo como **Buba** realiza a reconstituição lírica da paisagem georgiana é único, residindo a sua especificidade na poesia com que nos apresenta o modo de vida de uma comunidade rural e a sua permanente transfiguração, num permanente vai-e-vem entre uma dimensão documental em que sobressai uma inegável força telúrica e a sua transformação pela voz da autora

Veja-se o modo como as crianças são aqui retratadas, como fazendo parte de todo o ciclo natural, participando em permanência nos trabalhos agrícolas, para logo se realizar a transferência da imagem da mãe do bebé num berço para o cartaz de uma estrela de cinema, que nos desloca imediatamente para outra dimensão. Da dança dos homens à fúria da natureza que destrói as colheitas, aos movimentos das nuvens no céu ou dos homens que atravessam gargantas cobertas de neve ou navegam nas águas em frágeis jangadas é a mesma violência que se impõe, mas também uma imensa harmonia que faz ressaltar a beleza de tão duras formas de vida sujeitas aos caprichos da natureza. Os rios e as suas nuvens, cujo movimento é exacerbado pela montagem, transportam-nos ainda para ecos em tempos distintos e latitudes não muito distantes, como o cinema de Artavazd Pelechian que, muitos anos depois, se abrirá aos mesmos mistérios do movimento dos homens e do Universo.

Banido e apagado dos registos do cinema soviético, o mesmo aconteceria ao filme seguinte de Gogoberidze, a sua única longa-metragem de ficção, **Ujmuri** (1934), que depois de 1934 não voltaria a filmar, resumindo-se a sua obra aos três filmes já citados. Colocada desde meados dos anos trinta sob vigilância do recém-criado NKVD, o “Comissariado do povo para assuntos internos”/Ministério do Interior da URSS, foi proibida de fazer cinema, o que em grande parte foi atribuído à actividade política do seu marido, executado em 1937, ano em que durante as purgas estalinistas Lana foi presa e enviada para o Gulag, onde permaneceu dez anos. Suprimida de todas as fontes oficiais do cinema soviético só recentemente o seu nome saiu do esquecimento, em grande parte devido ao trabalho feito pela sua filha, a conhecida realizadora Lana Gogoberidze, de quem poderemos ver dois filmes neste programa, fazendo-se assim a ponte entre duas gerações de um cinema único que, em anos de grande tumulto político e num espírito de resistência permanente, foi conseguindo construir a sua identidade.

Joana Ascensão